

EDUCADOR

ISSN 1984-8668

Ano XXVI – Nº 103

EDUCADOR é uma revista destinada a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright @ Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Telegráfico – BATISTAS
Caixa Postal: 13333
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenadora Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redatora

Jane Esther Monteiro de Souza
de Paula Rosa

Conselho Consultivo

Rosane Andrade Torquato – PR
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Pedro Jorge de Souza Faria – RJ
Ivone Boechat de Oliveira – RJ

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2
1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@conviccaeditora.com.br

Colaboradores desta edição

Débora Bastos Carnon Dantas – MA
Geraldo Farias de Souza – SP
Diná Freire Cutrim – MA
Nildo Cândido Rosa – MG
Marinaldo Alves de Lima – PR
Paulo Henrique Teixeira da Silva – BA
Samya Vanessa Soares de Araújo – GO
Sandra Constantin Popoff – BA
Tânia Ferreira da Silva – MS
Teresinha Alves de Lima Silva – PE
Tereza Cristina Nóbrega M. Marques – PE
Ycléa Cervino – PE



Editorial

VIVENDO O REINO DE DEUS

Chegamos ao último período desse ano dando ênfase ao tema da Convenção Batista Brasileira: “Vivendo o reino de Deus” e a divisa: “Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” – Mateus 6.33. Quão difícil é entender a necessidade de cumprir este texto! Não são poucos os que sofrem nessa tentativa e não conseguem ter êxito no desafio que receberam do Pai, porque necessitam reorganizar a alma no que é concernente a sentimentos, emoções, características de trabalhar primeiro pelos interesses pessoais. Mas, no reino de Deus, quanto mais damos o nosso tempo ao Senhor, buscando-o em primeiro lugar, mais recebemos dele e mais conquistamos.

A forma de viver o reino de Deus é cumprindo os princípios do Senhor, que são eternos. Esses princípios não mudam por causa dos conceitos errados que adquirimos; tampouco mudam porque achamos melhor correr atrás de promoção pessoal e glórias humanas. Deus não sustenta nossas enfermidades nem compactua com nossa maneira errada de viver. Devemos decidir por assumir a posição que Deus tem para nós com a motivação correta, tendo uma visão inegociável, abrindo mão de todo espírito de competição e de inversão de valores. Para o reino de Deus vir em primeiro lugar, de forma a conseguir vivê-lo, é preciso morrer para deixar o Senhor viver em nossa vida.

Deus nos abençoe neste final de 2018 e em nossa vida terrena a fim de que anunciemos o reino de Deus e vivamos nele, no poder do Santo Espírito. Amém.

O pastor Geraldo Farias de Souza, em seu artigo **Um dedim de prosa sobre o reino de Deus**, afirma que ele não possui endereço geográfico nem ostenta aparência de grife. No artigo **O processo ensino-aprendizagem – Como acontece?**, a professora Tânia Ferreira da Silva afirma que o professor precisa ser capaz de organizar e dirigir as situações de aprendizagem.

A professora Sandra Constantin Popoff fala, em seu texto **Bons pais segundo as Escrituras**, que os momentos de comunhão com a natureza e com a família em estado de relaxamento pode ser o ponto de partida para um novo estilo de vida, bem como de estímulo às múltiplas inteligências.

Vivendo o reino de Deus em meio às crises existenciais é o artigo da professora Tereza Cristina Nóbrega Mendes Marques. Segundo ela, o educador precisa conhecer sua igreja em primeiro lugar para, somente depois, empreender qualquer nova metodologia de trabalho.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus. Esta edição traz, ainda, as seções **Sugestões de livros**, **Educador em destaque**, **Vale a pena ler de novo** e de muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós, leitores.

ÍNDICE

1	Expediente e editorial Vivendo o reino de Deus <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa, RJ</i>
2	Índice
3	Educação geral O processo ensino-aprendizagem – Como acontece? <i>Tânia Ferreira da Silva – MS</i>
8	Resenha Crer é também pensar <i>Paulo Henrique Teixeira da Silva – BA</i>
9	Educação teológica Vivendo o reino de Deus em meio às crises existenciais <i>Tereza Cristina Nóbrega Mendes Marques – PE</i>
13	Educação teológica Vivendo o reino de Deus <i>Nildo Cândido Rosa – MG</i>
15	Educação cristã Um dedim de prosa sobre o reino de Deus <i>Geraldo Farias de Souza – SP</i>
17	Educação cristã Bons pais segundo as Escrituras <i>Sandra Constantin Popoff – BA</i>
19	Educação cristã Como incentivar a igreja a valorizar o ministério com crianças <i>Teresinha Alves de Lima Silva – PE</i>
21	Educação cristã Como ensinar os pequeninos a orar <i>Samya Vanessa Soares de Araújo – GO</i>
22	Da mesa da Redação Espaço do leitor
23	Educador em destaque <i>Diná Freire Cutrim – MA</i>
24	Para pensar Vivendo o reino dentro de nós <i>Marinaldo Alves de Lima – PR</i>
25	Vale a pena ler de novo Inteligência emocional do professor <i>Débora Bastos Carnon Dantas – MA</i>
31	Sugestão de livros 1. Título: A igreja autêntica – Autor: <i>John Stott</i> 2. Título: ABC Doutrinário – Autor: <i>Ilgnois Janait</i> 3. Título: Irmãos, nós não somos profissionais – Autor: <i>John Piper</i>
32	Última palavra Cristãos comprometidos com o reino têm raízes profundas <i>Ycléa Cervino – PE</i>



Educação Geral



Educação Teológica



Educação Cristã



Para pensar



Vale a pena LER de novo



O processo ensino-aprendizagem Como acontece?

Para Fernández (1998), as reflexões sobre o estado atual do processo ensino-aprendizagem nos permite identificar um movimento de ideias de diferentes correntes teóricas sobre a profundidade do binômio ensino-aprendizagem. Entre os fatores que estão provocando esse movimento, podemos apontar as contribuições da Psicologia atual em relação à aprendizagem, que nos leva a repensar nossa prática educativa, buscando uma conceitualização (elaboração de conceito) do processo ensino-aprendizagem.

As contribuições da teoria construtivista de Piaget acerca da construção do conhecimento e os mecanismos de influência educativa têm chamado a atenção para os processos individuais, os quais encontram espaço em um contexto interpessoal e que procuram analisar como os alunos aprendem, estabelecendo uma estreita relação com os processos de ensino em que estão conectados.

O construtivismo é um referencial explicativo que interpreta o processo de ensino-aprendizagem como um processo social de caráter ativo,

em que o conhecimento é fruto da construção pessoal e ativa do aluno (LACOMY, 2008, p. 24).

Na concepção construtivista interacionista, a construção do conhecimento encontra-se na interação,

O INDIVÍDUO APRENDE QUANDO CONSEGUE APREENDER UM CONTEÚDO E FORMULAR UMA REPRESENTAÇÃO PESSOAL DE UM OBJETO OU REALIDADE

ocorrendo quando ações físicas ou mentais do sujeito sobre objetos provocam o desequilíbrio. À medida que este conteúdo é assimilado e acomodado, as perturbações fazem surgir algo novo, resultando na construção de esquemas. Tais esquemas tornam-se cada vez mais refinados, fazendo com que as próximas assimilações sejam diferentes e melhores que as anteriores (BECKER, 2001). Assim, de acordo com esta abordagem, o indivíduo aprende quando consegue apreender um conteúdo e formular uma representação pessoal de um objeto ou realidade.

Esse processo é determinado por experiências, interesses e conhecimento previsto (LAKOMY, 2008). Neste processo, o professor atua como mediador e o aluno, por sua vez, é um sujeito ativo na construção do seu conhecimento. Gil (2010), corroborando com a visão de Lakomy quanto ao papel do aluno e do professor no processo de aprendizagem construtivista, afirma que, dentre os diversos papéis do professor (p. 22), o principal deles não é o de ensinar, mas de ajudar o estudante a aprender.

Perrenould (2000), fixando objetivos na formação profissional, relaciona o que é imprescindível saber para ensinar bem numa sociedade em que o conhecimento está cada vez mais acessível. O autor destaca as dez competências para ensinar:

- 1) Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- 2) Administrar a progressão das aprendizagens;
- 3) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
- 4) Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
- 5) Trabalhar em equipe;
- 6) Participar da administração escolar;
- 7) Informar e envolver os pais;
- 8) Utilizar novas tecnologias;
- 9) Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
- 10) Administrar a própria formação.

Gil, em seu livro *Didática do ensino superior*, amplia as competências propostas por Perrenoud, citando as características de um professor eficaz. Para tal, toma por base a visão de diversos autores sobre o tema.

Entre as características apontadas como importantes encontram-se, entre outras, a clareza na exposição; ser desafiador, questionador e paciente; oferecer feedback; ser empático,

acessível aos estudantes; e ajudá-los a pensar. O professor precisa ser competente, dispondo de conhecimentos técnicos, visão de futuro e, sobretudo, ser mediador do processo de aprendizagem:

Requer-se um professor que aceite deixar de ocupar o centro do cenário de ensino e reconheça os estudantes como parceiros do processo de ensino. Que não se veja como especialista, mas como mediador do processo de aprendizagem. Que tenha a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e a aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos (MASSETO, apud GIL, 2010, p. 37).

Para cumprir seu papel, o professor precisa ser capaz de organizar e dirigir as situações de aprendizagem, bem como gerar sua própria formação contínua, além de trabalhar em equipe, enfrentar deveres e dilemas e ser capaz de utilizar novas tecnologias. Além disso, o professor deve ser

O PROFESSOR PRECISA SER CAPAZ DE ORGANIZAR E DIRIGIR AS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM, BEM COMO GERAR SUA PRÓPRIA FORMAÇÃO CONTÍNUA, ALÉM DE TRABALHAR EM EQUIPE, ENFRENTAR DEVERES E DILEMAS E SER CAPAZ DE UTILIZAR NOVAS TECNOLOGIAS



transformador, intercultural, reflexivo e aberto ao que ocorre na sociedade. Tais características são postas em prática no dia a dia da prática docente. Neste contexto, as práticas educativas tornam-se importantes, uma vez que envolvem capacidades cognitivas, de equilíbrio pessoal, de relações sociais, intrapessoais e habilidades motoras.

PROCESSO INTEGRADO

Os mecanismos de influência educativa têm um lugar no processo de ensino-aprendizagem, como um processo onde não se centra atenção

em um dos aspectos que o compreendem, mas em todos os envolvidos.

Se analisarmos a situação atual da prática educativa em nossas escolas, identificaremos problemas

A grande ênfase dada à memorização é um deles, assim como a pouca preocupação com o desenvolvimento de habilidades para reflexão crítica e autocrítica dos conhecimentos que se aprendem. As ações ainda são centradas nos professores, que determinam o que e como deve ser aprendido, isso, além da separação entre educação

e instrução. A solução para tais problemas está no aprofundamento de como os educandos aprendem e como o processo de ensinar pode conduzir à aprendizagem.

O processo de ensino-aprendizagem tem sido historicamente caracterizado de formas diferentes, que vão desde a ênfase no papel do professor como transmissor de conhecimento até as concepções atuais que concebem tal processo com um todo integrado, que destaca o papel do educando. Vejamos estas formas diferentes:

	TRADICIONAL	ESCOLANOVISTA	TECNICISTA	PROGRESSISTA
Concepção de educação	A educação deve ser comprometida com a cultura. Sua função é transmitir e preservar o patrimônio cultural, preparando intelectual e moralmente os alunos a fim de que possam desempenhar os papéis que lhes são conferidos pela sociedade	A educação deve visar o desenvolvimento cognitivo dos alunos	A educação deve ser planejada, controlada e avaliada cientificamente; sua função é produzir mudanças comportamentais relativamente permanentes e socialmente desejáveis, seja pela instalação de novos comportamentos, seja pela modificação dos já existentes, formando assim indivíduos eficientes no desempenho de papéis diferenciados e necessários ao bom funcionamento do sistema social	A educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Apesar de estar vinculada aos determinantes histórico-sociais, ela também poderá constituir-se um instrumento importante no processo de transferência social. A função da educação é elevar o nível de consciência do educando a respeito da realidade social que o cerca, a fim de capacitá-lo a atuar no sentido de sua emancipação social, econômica, política e cultural
Concepção do processo ensino-aprendizagem	O processo ensino-aprendizagem tem como objetivo a transmissão do acervo cultural, envolvendo trabalho árduo, perseverança, aplicação e disciplina. Por meio do esforço próprio se alcança o sucesso, sendo, portanto as diferenças individuais o fator que determina as diferentes posições assumidas pelos indivíduos na sociedade	O processo ensino-aprendizagem tem como objetivo orientar e incentivar o aluno na constituição do conhecimento, tendo em vista o desenvolvimento de sua inteligência e, conseqüentemente, a formação da personalidade. As situações de ensino-aprendizagem devem partir das necessidades e interesses do educando	O processo ensino-aprendizagem consiste num arranjo de contingências de reforço que possibilitam ou aumentam a probabilidade de ocorrência de uma resposta desejada. Deve ser organizado de forma sistemática e controlada, a fim de que a aprendizagem, traduzida como uma atividade manifesta do comportamento, ocorra com eficácia e eficiência	O processo ensino-aprendizagem é situado, ou seja, acontece numa cultura específica, com pessoas concretas, que pertencem a uma classe social definida

Professor	É responsável pelo ato de transmitir conhecimentos clássicos, enciclopédicos, em forma de conceitos, verdade	Deixa de ser o centro das atividades e passa a ser o facilitador, aquele que orienta, incentiva e controla a aprendizagem, caminhando junto com seus alunos	O professor passa a exercer a posição de administrador, ou daquele que vai executar os planejamentos	O professor deve ser um guia orientador do processo educativo. Seu papel é o de elemento mediador entre a prática social vivida pelo aluno e o saber socialmente significativo que ele deverá dominar, a fim de se tornar um força ativa na transferência das estruturas sociais
Aluno	Ser passivo, sempre pronto para receber conhecimentos e memorizá-los para, consequentemente, serem dogmatizados	Sujeito da aprendizagem, passa a exercer o papel de investigador. A ele é concedido o poder de ação dentro de seus interesses, ou seja, ele passa a ter liberdade de escolha	O aluno passa a ser uma matéria-prima a ser transformada	Sujeito histórico inserido em uma realidade social concreta

Neste último enfoque, considera-se a integração do cognitivo e do afetivo, do instrutivo e do educativo como requisitos psicológicos e pedagógicos essenciais. A concepção defendida aqui é que o processo de ensino-aprendizagem é uma integração dialética entre o instrutivo e o educativo, que tem como propósito essencial contribuir para a formação integral da personalidade do aluno. O instrutivo é um processo de formar indivíduos capazes e inteligentes – entendendo por indivíduo inteligente aquele que, quando diante de uma situação-problema, seja capaz de enfrentar e resolver os problemas e buscar soluções para resolver as situações. Ele tem que desenvolver sua inteligência, e isso só será possível se tal indivíduo for formado mediante a utilização de atividades lógicas.

O educativo se logra com a formação de valores, sentimentos que identificam o homem como ser social, compreendendo o desenvolvimento de convicções, vontades e outros elementos da esfera volitiva e afetiva que, junto com a cognitiva, permitem falar de um processo de ensino-aprendizagem que tem por fim a formação multilateral da personalidade do indivíduo.

A eficácia do processo de ensino-aprendizagem está na resposta que este dá à apropriação do conhecimento, ao desenvolvimento intelectual e físico do estudante e à formação de sentimentos, qualidades e valores que alcancem os objetivos gerais e específicos propostos em cada nível de ensino de diferentes instituições – conduzindo, assim, a uma posição transformadora, que promova as ações coletivas, a solidariedade e o viver em comunidade. A concepção de que o processo de ensino-aprendizagem é uma unidade dialética entre a instrução e a educação está associada à ideia de que igual característica existe entre ensinar e aprender. Esta relação nos remete a uma concepção de que o processo de ensino-aprendizagem tem uma estrutura e um funcionamento sistêmico, isto é, está composto por elementos estreitamente inter-relacionados.

EMPREENHIMENTO PEDAGÓGICO

Todo ato educativo obedece a determinados fins e propósitos de desenvolvimento social e econômico e, em consequência, responde a determinados interesses sociais. Ele se sustenta em uma filosofia da

educação, adere a concepções epistemológicas específicas, leva em conta os interesses institucionais e depende, em grande parte, das características, interesses e possibilidades dos sujeitos participantes, sejam alunos, professores, comunidades escolares e demais fatores do processo. A visão tradicional do processo ensino-aprendizagem é que ele é um processo neutro, transparente, afastado da conjuntura de poder, história e contexto social. O processo ensino-aprendizagem deve ser compreendido como uma política cultural, isto é, como um empreendimento pedagógico que considera com seriedade as relações de raça, classe, gênero e poder na produção e legitimação do significado e experiência.

Tradicionalmente, tal processo tem reproduzido as relações capitalistas de produção e ideologias legitimadoras dominantes, ao ignorarem importantes questões referentes às relações entre conhecimento e poder, entre a cultura e a política. O produto do processo ensino-aprendizagem é o conhecimento. Partindo desse princípio, concebe-se que o conhecimento é uma construção social; assim, torna-se necessário examinar a constelação de interesses econômicos, políticos e



sociais que as diferentes formas de conhecer podem refletir. Para que o processo ensino-aprendizagem possa gerar possibilidades de emancipação, é necessário que os professores compreendam a razão de ser dos problemas que enfrentam e assumam um papel de sujeito na organização desse processo. As influências sócio-político-econômicas exercem sua ação, inclusive, nos pequenos atos que ocorrem na sala de aula, ainda que não sejam conscientes. Ao selecionar algum destes componentes para aprofundar, deve-se levar em conta a unidade, os vínculos e os nexos com os demais.

O componente é uma propriedade ou atributo de um sistema que o caracteriza; não é uma parte do sistema e, sim, uma propriedade dele, uma propriedade do processo docente-educativo como um todo. Identificamos como componente do processo de ensino-aprendizagem:

Aluno – Deve responder a pergunta: “Quem?”

Professor

Problema – Elemento que é determinado a partir da necessidade do aprendiz.

Objetivo – Deve responder a pergunta: “Para que ensinar?”

Conteúdo – Deve responder a pergunta: “O que aprender?”

Métodos – Deve responder a pergunta: “Como desenvolver o processo?”

Recursos – Deve responder a pergunta: “Com o quê?”

Avaliação é o elemento regulador. Sua realização oferece informação sobre a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, sobre a efetividade dos outros componentes e das ne-

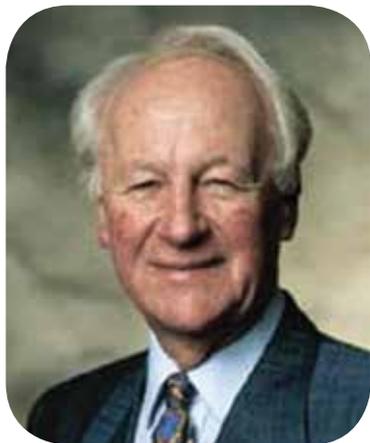
cessidades de ajuste e modificações a que o sistema deve ser submetido.

Concluindo, sabemos que a integração de todos esses componentes forma o sistema – neste caso, o processo de ensino-aprendizagem.

As reflexões sobre o caráter sistêmico dos componentes do processo de ensino-aprendizagem e suas relações são importantes em função do caráter bilateral da comunicação entre professor-aluno; aluno-aluno; grupo-professor e professor-professor.

Tânia Ferreira da Silva

Igreja Batista Boa Esperança, MS; professora de adolescentes da Escola Bíblica Dominical. Bacharel em Educação Religiosa. Graduada em Letras e Psicologia. Pós-graduada em Psicopedagogia. Professora de Ensino Médio.



John Stott

John Stott, pastor e teólogo britânico (1921-2011), fala em seu livro *Crer é também pensar*, basicamente, da importância de usarmos nossas mentes, sem incorrer no anti-intelectualismo que ataca muitas igrejas. Mas, também, deixa claro que não devemos esquecer o aspecto prático, mas buscar a “devoção inflamada pela verdade”.

SINOPSE

Stott disserta sobre a vida cristã, mais explicitamente sobre o pensamento racional do cristão, na busca do conhecimento da Palavra de Deus. O autor separa a sua obra em seis tópicos relevantes aos cristãos. No primeiro deles, aborda a questão do culto e separa a Igreja Cristã em três correntes e faz uma crítica sobre a falta de moderação entre elas. A primeira busca o conhecimento teológico; todavia, excede em só enfatizar esse aspecto, e não um relacionamento com Deus. A segunda corrente é formada pelos cristãos que buscam a prática do evangelho nas obras sociais de forma ativa, contudo, falham em não buscar o conhecimento das Sagradas Escrituras. A terceira corrente privilegia a busca pelas experiências pessoais com Deus, rejeitando o intelectualismo da vida

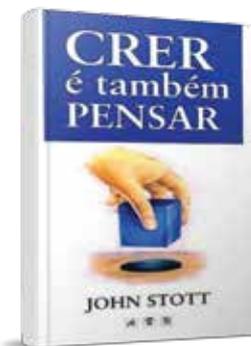
Crer é também pensar

cristã, buscando apenas as experiências pessoais com Deus. Por isso, deixa a desejar no ensino da Bíblia.

No segundo tópico, John Stott aborda a questão da fé, primeiramente sob a ótica vazia do mundo e, depois, sob a forma racional do que se pensa ser irracional – a própria fé, em si, e a fé objetiva e sensata nas palavras de Jesus. De acordo com o autor, é possível crer no Deus invisível que, um dia, foi visível, de forma lógica.

Mais adiante, John Stott aborda a santidade. O autor descreve textos bíblicos que nos ajudam a visualizar a importância do conhecimento da Bíblia, mencionando as tentações de Jesus e sua resposta com a própria Palavra bíblica, para não cair nas ciladas de Satanás.

O quarto tópico é a direção que se dá à vida em relação a Deus e com o futuro particular de cada um. Nesse ponto, de certo modo, Stott faz uma crítica direta a profecias, ao afirmar que não crê “em uma linha direta com o céu”. Ele vai além, e mostra que o pensamento lógico de acordo com os ensinamentos bíblicos dá melhor respaldo para escolhas particulares. O célebre teólogo também diferencia a vontade geral de Deus para conosco e o propósito particular do Senhor sobre a nossa vida, ensinando que a melhor escolha é aquela fundamentada em nosso raciocínio, sempre com base na Palavra, dando uma lição análoga



importante sobre a escolha de um par para o casamento.

O quinto tópico é o evangelismo, de forma racional, bem exposta, usando a persuasão não de forma emocional, mas, sim, racional, todavia, sem negar a presença do Espírito Santo para fazer a obra de Jesus, que é divulgar o evangelho. Por último, Stott aborda o ministério, onde a ênfase está no dom do conhecimento e exposição da Palavra e no ministério pastoral. O autor, mais uma vez, incentiva o conhecimento da Bíblia Sagrada e afirma a importância de sua interpretação de forma literal. No final, ele esclarece seu interesse ao escrever o livro, dizendo que anseia por ver Deus chamar pessoas para o ministério do ensino.

Conclusão

Crer é também pensar nos leva a refletir sobre a importância de se ter uma vida de busca ao conhecimento mais profundo da Palavra de Deus, levando os leitores a um maior crescimento espiritual. Com muita propriedade, John Stott faz isso ao incentivar a leitura da Bíblia como fonte plena para aprender mais sobre culto, fé, direção pessoal, santidade, evangelismo e ministério.

Paulo Henrique Teixeira da Silva

Membro da Igreja Batista Filadélfia, BA.
Professor na EBD dos jovens.
Bacharel em Teologia. Licenciatura em Letras e Psicologia. Pós-graduado em Psicanálise Clínica e Missiologia.

Vivendo o reino de Deus em meio às crises existenciais



“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” – Mateus 6.33

A atualidade nos inquieta para uma mudança de atitudes diante das escolhas que precisamos tomar frente às perspectivas que a vida nos oferece. Não é fácil escolher, ainda mais

quando as escolhas precisam ser corretas, éticas e, por vezes, definitivas. Por esta razão, não podemos ler o versículo isoladamente. Precisamos observar o que o texto de Mateus 6.25-34 aponta para uma vida cristã equilibrada e coerente.

Ansiedade – As causas mais comuns de ansiedade patológica são: hipertireoidismo; ansiedade generalizada; preocupação excess-

PRECISAMOS SER “ESPECIALISTAS NUMA ÁREA E SABER TRANSITAR PELAS DEMAIS”. TRANSITAR NÃO É DOMINAR, MAS TAMBÉM PASSA LONGE DA SUPERFICIALIDADE E DO DESCOMPROMISSO COM A VERDADE E A JUSTIÇA

siva e irrealista perante situações rotineiras da vida, como emprego, saúde e pequenos problemas do cotidiano; crises de pânico; fobias; perturbação obsessivo-compulsiva: presença de ideias, pensamentos, impulsividade ou imagens, considerados invasivos e inapropriados e que provocam ansiedade, mas a pessoa sente-se incapaz de controlar; síndrome de pós-stress traumático: aparecimento de um conjunto de sintomas característicos após um acontecimento extremamente estressante e traumático; depressão; psicoses; perturbação maníaco-depressiva.¹

No período em que foi escrito o Antigo e o Novo Testamento, a medicina era precária e o estudo da psiquê humana praticamente inexistente. Inexistiam meios eficientes ao controle e cura de enfermidades físicas e emocionais. Então, a fé e a confiança no Eterno eram importantes para a saúde física. Não havia informação que ajudasse o cotidiano dos indivíduos, e isso estendeu-se até a primeira metade do século 20, sendo que os dois grandes conflitos globais – a I Guerra Mundial (1914-1918) e a II Guerra Mundial (1939-1945) favoreceram seu progresso por meio de pesquisas.

A psicologia que conhecemos hoje é o resultado da confluência de preocupações e métodos oriundos da filosofia e da fisiologia. Todas as funções psicológicas decorrem de processos orgânicos. Avanços nos campos da genética, neurofisiologia e bioquímica trouxeram importantes esclarecimentos sobre processos psicológicos básicos como, por exemplo, hereditariedade, agressividade, depressão e ansiedade. Por outro lado, o modo como formulamos perguntas, encami-

nhamos modos de resposta e organizamos nosso conhecimento é muito influenciado por toda a história da filosofia.²

ANALISANDO O CONTEXTO PSICOSSOCIAL E RELIGIOSO EM TEMPOS DE CRISE

A conjuntura social no Brasil é um complexo emaranhado de situações que envolvem emprego, educação, saúde, habitação, alimentação, moradia. Sem entrar no mérito da política partidária, vemos que o desmantelamento da nação vem acontecendo durante os últimos anos. A pior crise é ética e moral, pois a ausência desses valores gera falta de credibilidade daqueles que estão no governo em todas as instâncias. As graves denúncias de desvio do dinheiro público, bem como os processos, julgamentos e prisão da elite político-partidária, tornam a gerência pública inoperante e sob constante suspeição. O efeito “cascata” é inevitável.

O DESEMPREGO, A SAÚDE, A EDUCAÇÃO, MORADIA

Como leitora assídua de boletins econômicos e políticos, sinto-me na obrigação de participar, ainda que forma limitada, da vida pública nacional, por meio do estudo sobre assuntos que envolvem economia, educação, direito e política. Precisamos ser “especialistas numa área e saber transitar pelas demais”. Transitar não é dominar, mas também passa longe da superficialidade e do descompromisso com a verdade e a justiça. Como cristã, não posso ser omissa.

Na década de 1990, assistimos a inúmeras palestras sobre marketing de rede, em que os palestrantes decretaram o fim do emprego para

os anos seguintes. Segundo o conceito então em voga, o rumo era o empreendedorismo, com muitos profissionais buscando ser donos dos seus próprios negócios. Eu via tais previsões com certa incredulidade, mas isso está acontecendo. Temos, ainda, o setor público, com boa oferta de cargos com altos salários, como meio para se escapar dos efeitos de uma economia globalizada, enquanto as classes menos favorecidas vivem com salário mínimo, buscando colocações no comércio, na indústria ou na economia informal.

Muitas causas da escassez de empregos estão interligadas à crise mundial que afeta todos os continentes, em maior ou menor grau, limitando o consumo e, dessa forma, desaquecendo o mercado local. Além disso, a livre concorrência favorece a invasão do mercado interno por produtos e serviços de origem estrangeira, que são mais baratos e oferecem vantagens. O desemprego desacelera a economia, com a perda do poder de compra dos indivíduos. As famílias se veem diante de conflitos, com ter de optar entre comer ou pagar as contas, matricular os filhos em uma escola de qualidade ou pagar a moradia. Não nos foi ensinado como gastar melhor; fomos domesticados a ficar de olho nas oportunidades de consumo

AS IGREJAS ESTÃO SOB OS EFEITOS DA CRISE QUE SEUS MEMBROS ESTÃO SOFRENDO, O QUE SE REFLETE DIRETAMENTE NA ENTREGA DOS DÍZIMOS E OFERTAS, NAS CAMPANHAS PARA CONTRIBUIR PARA MISSÕES, NO PLANO COOPERATIVO, NO ENVIO DE MISSIONÁRIOS AO CAMPO E DE VOCACIONADOS ÀS INSTITUIÇÕES DE ENSINO TEOLÓGICO

¹ ANSIEDADE- <https://www.significados.com.br/ansiedade/> 28/01/2018, as 21h15 min.

² GOMES, William B. *História da Psicologia*. Disponível no site: <http://www.ufrgs.br/museupsi/Texto%201.htm>

de produtos e serviços baseadas em promoções e preços baixos.

Outro ponto crucial é nosso sistema de saúde pública precário, face à má gestão dos recursos a partir de desconto de um percentual dos salários dos empregados e empresários. A falta de honestidade e de capacidade administrativa pública põe em risco a vida de milhões de brasileiros. Quem sofre é a população desassistida, enquanto uma minoria tem tratamento diferenciado, com máxima presteza e eficiência.

A CRISE ÉTICA, MORAL E FINANCEIRA E A IGREJA

Como igreja, qual deve ser o nosso papel? As igrejas estão sob os efeitos da crise que seus membros estão sofrendo, o que se reflete diretamente na entrega dos dízimos e ofertas, nas campanhas para contribuir para missões, no plano cooperativo, no envio de missionários ao campo e de vocacionados às instituições de ensino teológico. Como essas instituições podem trabalhar para diminuir seus efeitos?

A questão tem a ver com o *modus operandi* das igrejas locais. Fazemos aqui um parêntese quanto ao trabalho de abrir pontos de pregação ou templos em locais onde já há diversos grupos denominacionais. O que queremos? Que o evangelho seja pregado, e que muitas pessoas aceitem Jesus como Salvador, ou que

O EDUCADOR PRECISA CONHECER SUA IGREJA PRIMEIRO, PARA SÓ DEPOIS EMPREENDER QUALQUER NOVA METODOLOGIA DE TRABALHO

nosso grupo eclesialístico tenha a sua bandeira erguida no local?

Temos lecionado Sociologia da Educação e Filosofia da Educação no Seminário de Educação Cristã (SEC) e levado os alunos e alunas a realizarem pesquisas. Discutimos temas ligados ao cenário socioeconômico dos membros e congregados onde trabalham, analisamos a vida em família, os conflitos que a afetam, o nível educacional, a violência doméstica praticada contra a mulher e os filhos. Há, de fato, numerosos casos de famílias no nosso meio que sofrem caladas, por medo de serem descobertas, mas vivendo uma vida camuflada e de aparente espiritualidade. Política, sociedade de consumo, globalização e outras questões da agenda contemporânea, têm sido objeto de nosso estudo, sem fugir ao nosso compromisso de formar vocacionados para as igrejas e seu entorno, nosso primeiro campo de evangelização.

1. COMO A IGREJA DEVE AGIR?

Qual a validade deste projeto para a igreja em que os alunos estão inseridos? Torná-los criativos e ap-

tos a desenvolver metodologias de trabalho que visem ao crescimento educacional, via EBD, MCM e outros grupos de estudos, como o PG e não apenas meros repetidores de projetos que deram certo em determinada igreja mas que, sem uma adequação às reais necessidades da comunidade em questão, serão apenas mais um modelo praticado com pouco sucesso. Não há receita pronta: é necessária prudência ao se iniciar um trabalho como educadores religiosos ou em qualquer instituição de ensino confessional, pois, fazendo o que estamos fazendo, que resultados diferentes podemos obter? Ou ainda, antes de empreender qualquer proposta nova de trabalho na igreja local, devemos procurar ouvir o pastor e a comunidade, o que leva um tempo considerável. O educador precisa conhecer sua igreja primeiro, para só depois empreender qualquer nova metodologia de trabalho.

2. BUSCAR O REINO DE DEUS E SUA JUSTIÇA: VOCACIONADOS E INSTITUIÇÕES ENSINO RELIGIOSO

A necessidade por uma formação acadêmica reconhecida no mercado de trabalho tem sido um dos empecilhos para maior número de matrículas nos cursos oferecidos pelas unidades de ensino religioso-teológico. Outro ponto importante é a concorrência. Hoje, há seminários, faculdades e institutos ligados a vários grupos denominacionais, com preços competitivos e a modalidade de ensino a distância, o chamado EAD. Por outro lado, nossas instituições não têm podido exigir qualidade na matrícula dos vocacionados, já que muitos deles não fizeram uma escola básica satisfatória, o que é um fator que traz dificuldades na aprendizagem.

Um empecilho no dia a dia dos educandos tem sido um fenômeno comum a todas as instituições de ensino superior no Brasil, que é o uso da



internet para pesquisas. Muitos alunos apenas copiam e colam conteúdos e entregam seus trabalhos sem o menor critério, e serão cobrados por isso. Nossas instituições precisam promover a leitura do acervo das bibliotecas e incentivar, nos estudantes, a aquisição de livros para compor um acervo particular. As igrejas deveriam formar bibliotecas tanto para seus membros, quanto para servir os seus vizinhos.

Um dos problemas está na EBD e na forma como a igreja está desenvolvendo os conteúdos. Como os professores têm ministrado os temas propostos? O ensino-aprendizagem precisa de redirecionamento, aperfeiçoamento, mobilidade. Por outro lado, há a questão da falta de interesse dos alunos em ler e aprender a estudar a Bíblia. Ora, não há nenhum problema em mostrar que não sabe encontrar um texto bíblico, nem em falar de Jesus via leitura da Bíblia. Afinal, somos agentes de mudanças, e não podemos ter o discurso de não sermos deste mundo porque, para sairmos dele só via morte.

Se não quisermos perder a guerra contra a imoralidade e a falta de ética, precisamos trabalhar diligentemente para romper com os modelos que querem nos forçar a aceitar tudo como normal e relativo. Contudo, temos consciência de que o discurso é fácil, mas a execução é muito difícil.

Na igreja, há homens e mulheres de carne e osso, que vivem uma realidade social que não pode ser ignorada. Nós somos a igreja; ela existe porque é composta de pessoas que

SE NÃO QUISERMOS PERDER A GUERRA CONTRA A IMORALIDADE E FALTA DE ÉTICA, PRECISAMOS TRABALHAR DILIGENTEMENTE PARA ROMPER COM OS MODELOS QUE QUEREM NOS FORÇAR A ACEITAR TUDO COMO NORMAL E RELATIVO

NÃO PODEMOS FUGIR AO NOSSO COMPROMISSO COM O ETERNO, QUE É VIVER UMA VIDA ENTREGUE EM SUAS MÃOS E APRENDER A DESCANSAR NELE

têm experiências diferentes. Ela deve ser uma comunidade terapêutica de fé, onde se exerce o amor, o perdão, a comunhão (...). A igreja não existe para abrigar seres humanos porque são pessoas ótimas. Temos experiências diferentes que se baseiam em certos princípios; a igreja é composta de famílias, cuja origem é diferenciada tanto na educação, no contexto e nos problemas sociais (...)³

CONCLUSÃO

Dessa forma, “buscar o reino e a sua justiça, e todas as coisas nos serão acrescentadas” é algo que exige desprendimento, serenidade, confiança, tenacidade, mansidão, amor, perdão, perseverança. São capacidades fundamentais para nosso autocontrole mas, muitas vezes, não conseguimos desenvolvê-las. Trabalhar na formação de obreiros para o campo missionário – que inclui tanto o distante como o bem perto – não é fácil. Precisamos desenvolver comunhão com Deus, pois só assim saberemos e teremos confiança em seu amor, cuidado e proteção, mesmo em meio às crises da vida que atingem a sociedade, já que a igreja é composta de indivíduos que estão inseridos nela. Outros conflitos têm atingido a igreja a partir de seus pressupostos teológico-doutrinários, pondo em risco sua continuidade.

Agora, a ênfase é pelo politicamente correto, espécie de patrulhamento que coloca em xeque nossas atividades. Precisamos ser prudentes e sagazes para que, no dia da adversidade, nossa confiança e esperança

³ ROSA, Merval de Souza. Entrevista em Maio de 2003.

estejam depositadas no Senhor. Não podemos fugir ao nosso compromisso com o Eterno, que é viver uma vida entregue em suas mãos e aprender a descansar nele.

REFERÊNCIAS

ANSIEDADE – <https://www.significados.com.br/ansiedade/> 28/01/2018, as 21h15 min.

GOMES, William B. *História da Psicologia*. Disponível no site: <http://www.ufrgs.br/museupsi/Texto%201.htm>

ROSA, Merval de Souza. Entrevista realizada em Maio de 2003, por Tereza Cristina Nóbrega.

SHEDD, Russel (Editor). *BÍBLIA SHEDD*. 2 ed. Revisada. São Paulo: Vida Nova. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

Tereza Cristina Nóbrega Mendes Marques

Membro da Igreja Batista Emanuel em Boa Viagem, Recife (PE). Bacharel em Teologia – Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (1982); convalidação em Teologia – Faculdade de Teologia Integrada (FATIN – 2009); Mestrado institucional em Teologia – Seminário Teológico de Missões Mundiais (curso livre-2003); licenciatura em Filosofia – Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP – 2005); pós-graduação lato sensu em Implantação e Gestão Escolar – Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (FANESE – 2005); pós-graduação em Docência de Ensino Superior – Faculdade de Teologia Integrada (FATIN – 2008); pós-graduação em Ciência das Religiões – Faculdade de Teologia Integrada (FATIN – 2008); Mestrado em Ciência das Religiões – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa – 2012). Professora no Seminário de Educação Cristã (SEC); professora na Faculdade de Teologia Integrada (FATIN – 2010-2014); coordenação na Pós-Graduação na secretaria da Faculdade de Teologia Integrada (FATIN – 2012-2014); professora no Seminário Teológico de Missões Mundiais (STEMM – 2006-2014); e no Colégio Americano Batista, na disciplina Filosofia (2005-2007).

Vivendo o reino de Deus

Vivemos realmente o reino de Cristo? Nossa vida confunde-se com o reino de Cristo? A ideia é: “O reino de Cristo é e ainda não”; já chegou e é presente na vida dos seus, mas falta a consumação.

Diante dessa realidade inegável, devemos cuidar da vida e da saúde física, mental, emocional e espiritual, de maneira racional, pois são bens preciosos confiados por Deus a nós. Entretanto, tais bens pertencem a ele e deverão ser usufruídos em concordância com a sua vontade e para o louvor do Senhor. Outra realidade inegável é que há manifestações visíveis da soberania de Deus, mas a expressão “reino dos céus” significa a maneira de vida dos que se deixam dirigir pelo Senhor em tudo.

Em Lucas 17.20,21, ao ser interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, Jesus disse: “O reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o reino de Deus está entre vós”. Outra versão destaca que o reino está “dentro de vós”, ou seja, um tipo de consciência e poder internalizado que controla tudo na vida dos que o recebem.

JÁ VIVEMOS O REINO DE DEUS, MAS ESTAMOS NA EXPECTATIVA DA CONSUMAÇÃO

Se verdadeiramente buscamos como prioridade o reino de Deus, significa que o Senhor estará sendo o primeiro em nossa vida. Assim, toda vez que orarmos segundo o princípio ensinado pelo Mestre (“Venha o teu reino”), estaremos desejando que a futura consumação desse reino chegue em plenitude o mais rápido possível. Então, sobre a vinda do reino de Deus, o evangelista Lucas discorre em 17.20,21 e salienta a palavra grega para “aparência exterior” ou “visível aparência”: *parateresis*, que significa “sinais ritualísticos de culto”, deixando claro que a vida e vinda de Cristo não dependem de ritos externos, mas de recebê-lo de coração. Segundo o pastor e teólogo Russel Shedd, quando Jesus afirma que “o reino de Deus está dentro de vós” está declarando que ele não está nos fariseus incrédulos, mas, sim, que seu reino, em sua pessoa e obra, já atua no meio deles (nos seus discípulos). O Filho de Deus deixa claro que virá em poder na consumação dos tempos (ele o expressa no contexto escatológico também).

VIVEMOS O REINO DE DEUS NA PRÁTICA DO AMOR DIVINO

Viver os princípios de Cristo, com ética e amor real, é prova de discipulado. É a confirmação de que estamos no seu reino como cidadãos legítimos no projeto divino para a humanidade. Segundo John Stott, “em nossas decisões éticas, devemos procurar, com sensibilidade, aplicar princípios bíblicos em cada situação. O senhorio de Jesus Cristo é fundamental para o comportamento cristão”. Isso deve ser a base da nossa vida. Jesus nos diz: “E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu vos mando?” (Lc 6.46). Confessar Jesus como Senhor, mas não obedecê-lo, é como construir a vida sobre a areia. Novamente, o Mestre insiste, em seu discurso no cenáculo: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14.21).

É libertador quando deixamos para trás uma preocupação doentia conosco mesmos (narcisista) e nos voltamos para os saudáveis mandamentos de Deus, como o de amá-lo de todo coração e o nosso próximo

como a nós mesmos. A intenção de Deus para a sua igreja é que ela seja uma comunidade de amor, de adoração e de serviço. Todos sabem que o amor é a maior virtude do mundo, porque Deus é amor. Stott cita Raimundo Lúlio (missionário espanhol entre os muçulmanos no Norte da África, do século 13), que escreveu: “Aquele que não ama, não vive”. Pois viver é amar, e sem amor a personalidade humana se desintegra. “É por isso que todos procuram autênticos relacionamentos de amor.”

AO VIVER O REINO DE DEUS O FAZEMOS SEM ANSIEDADE

O Senhor Jesus, no contexto imediato de sua fala registrada em Mateus 6.33, afirma, em outras palavras, que o lírio do campo é uma flor maravilhosa, “nem o rico rei Salomão se vestiu como ele; se Deus assim veste essa flor do campo (tão frágil), muito mais cuidará dos seus”, enfatiza o Mestre. No entanto, há muito tempo temos convivido com notícias de guerras e destruição. Mesmo para nós, brasileiros, que vivemos em um país tido como pacífico na esfera geopolítica global, temos presenciado tanta violência e desordem que nos levam a viver em um clima de guerra, principalmente nos grandes centros urbanos. Esses fatos nos levam a constatar que, realmente, “não somos deste mundo” e a ansiar pela gloriosa vinda de Jesus. O texto de Apocalipse 17.14 nos diz, em relação à figura da besta e dos reis da terra: “Combaterão contra o Cordeiro, que os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; os que estão com ele, os chamados, eleitos e fiéis, também vencerão”, ou seja, aqueles que entregaram suas vidas a Jesus, reconhecendo-o como Senhor e Salvador, vencerão com ele. Na sua opinião, que vitória é essa? Mesmo em meio às crises multifacetadas que permeiam os sistemas do nosso país, precisamos buscar e viver em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça. Que segurança é saber que nosso

Deus tem o controle da nossa vida, e é Senhor sobre todas as nações e as conduzirá para a boa consumação que desejar! Ter a certeza do consolo do Espírito Santo e da vitória completa com Jesus é algo fundamental para todos nós, que vivemos como cidadãos do seu reino, buscando a sua justiça em primeiro lugar e aguardando a sua preciosa vinda em glória.

VIVEMOS O REINO DE DEUS MAS EM TRABALHO ÁRDUO PARA SUA EXPANSÃO

Então, o que nos resta além de orar mais? É nos envolver na expansão da obra missionária nesta geração, fazendo discípulos e ensinando-os, cumprindo fielmente o mandado do Senhor Jesus que nos garantiu: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mt 24.14). Esta será a consumação do seu reino, no qual já vivemos literalmente. Cheios do Espírito, guiados por ele, nossa vida tem sido de adoração, de testemunho e um constante louvor a Deus, que é santo e digno de louvor. A questão é: Vivemos o reino de Deus na prática cotidiana? O Senhor transforma o mal em bem e toda a sensação de fraqueza e derrota em uma alegria maior que quaisquer euforias deste mundo. Além disso, em resposta às adversidades inerentes à jornada de um discípulo-educador, haverá regozijo e exultação. Podemos compreender a expressão “vivendo o reino de Deus” como sendo a nossa vida um grande bem para o mundo. Uma pesquisa realizada pelo Instituto John Haggai mostrou as formas como as pessoas se convertem nos países do Terceiro Mundo: 1,1% conhecem o evangelho pela TV, idêntico percentual dos que chegam a Jesus por meio de filmes. A leitura bíblica é responsável por 1,8% das conversões, enquanto a literatura responde por 1,7% das decisões por Cristo. Seguem-se os sermões (2,4%), os programas de rádio (2,9%), o trabalho pessoal de pastores e pregadores (2,9%), outros meios diversos (2,1%) e a participa-

ção em cruzadas evangelísticas, que levam 4,4% das pessoas aos pés do Senhor. Já a mensagem do evangelho transmitida por amigos e parentes é a modalidade mais eficiente para a salvação de incrédulos. Nada menos que 29,9% e 49,7% dos convertidos, respectivamente, relatam que aceitaram a Jesus como Salvador graças ao evangelismo praticado individualmente por pessoas de seu círculo próximo.

O destaque da pesquisa é para a influência que nossa presença diária tem na vida das pessoas. Sem perceber, estamos sendo percebidos. O reino de Deus dentro de nós excede a nossa dimensão pessoal e atinge, de maneira profunda e relevante, as vidas que nos rodeiam. Para Jesus, todo o conhecimento e vivência têm a ver com o amor. A vida dos que foram atingidos e habitados por Deus estabelece muito mais do que uma religião em nós: estabelece Deus na terra a partir de nós, como embaixadores do seu reino eterno. Portanto, que vivamos alegremente o reino de Deus nesses dias. Esta é a nossa maior missão.

REFERÊNCIAS

- STOTT, John, *O discípulo radical*. Viçosa, MG: Ed. Ultimato, 2011.
- MANNING, Brennan, *Um vislumbre de Jesus: Em busca da cura do ódio a si mesmo*. 3. Ed. Brasília: Palavra, 2008.
- _____, Bíblia Shedd, Ed. Vida Nova, 1997.
- _____, *Pregue a Palavra*. Kit Homilético, Convenção Batista Mineira, 2018.
- _____, Bíblia Edição Revista e Corrigida, Revisão 1997, 2ª edição, Scripturae Publicações, SP, 2004.

Nildo Cândido Rosa

Pastor da Igreja Batista Nova Galileia, em Montes Claros, MG. Graduado em Teologia no STBSB; pós-graduado em Antropologia, Missiologia, Gestão Educacional e Psicanálise. Mestre em Teologia.